

Gravação: a_barca_do_sol

Duração do Áudio: 01:13:31

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:07:25)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint][00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado

Orador A: Dos filmes que narram aspectos da história de Fernando e Adelina foram focalizados fatores sozinhas e fenômenos Inter psíquicos interligados, formadores do contexto das vivências, experienciadas por essas duas pessoas e tornada visíveis através de imagens pintadas e modeladas. Quando se trata de Carlos, porém, algo vem sobre ajuntar-se com mais força. É a dimensão mística. Ele é fundamentalmente um homem religioso. Mario Pedrosa o situa entre os grandes místicos da história. Escreve Pedrosa: Carlos, não é só o artista é também o missionário. E nesta qualidade sua atividade no hospital e arredores se manifesta sem descanso. Sem ele, o convívio que se fez ao longo de tantos anos, entre artistas, funcionários, doutores e assistentes poderia existir, mas Carlos lhe deu características que só ele podia dar. Dentro desses compridos anos de vivência e convivência no que é hoje o nosso museu, se muniu ele de um zelo por todos os que ali habitam e tudo que ali tem realmente incomparável. É aqui que se nota de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

saída, a autoridade de que no curso da vida se investiu não lhe foi nada por ninguém. Vinha dos outros. Seus iguais e seus amigos. Gente e bicho. E de seu carisma. Não se sabe se Carlos é um esquizofrênico. Segundo a lei, precisamos ser confinados. Ou um santo. Um franciscano, semivagabundo que sai por aí a proteger animais e pobres desamparados no caminho. Se se examinar primeiro a ele mesmo, antes de analisar o sentido das obras que cria, é de justiça situar esse homem desgraçado e heroico no clima histórico, onde os historiadores dos movimentos religiosos das grandes épocas colocaram os fundadores de religião, os reformadores, os místicos e os artistas.

Orador B: Certo dia surpreendi Carlos devolvendo uma lata de lixo e disse: "Carlos, você mexendo na lata de lixo?". Então ele cuja linguagem verbal era habitualmente dissociada, voltou-se para mim e disse com a mais clara nitidez, em voz alta e veemente: Sementes na lata de lixo! Sementes não são para lata de lixo! Sementes são para ser plantadas! São escassos os dados biográficos que possuímos sobre Carlos. Quase tudo que sabemos dele, nos chega através de suas 21.300 obras. Pinturas sobre tela, cartolina, papel, modelagens, além de escritos e poesias. É impossível tentar abranger a significação psicológica que encerram. Neste filme, serão apresentados apenas vislumbres do extraordinariamente complexo mundo interno de Carlos. Seus avós eram franceses, bem como seu pai que ainda veio menino para o Brasil. Carlos nasceu no Rio de Janeiro, em 04 de dezembro de 1910. Foi o único filho homem da família, havendo duas irmãs mais velhas e uma, dez anos mais jovem. Assim Carlos foi o caçula durante vários anos. Isso contribuiu para que fosse mimado pelos pais, especialmente pela mãe, a quem se apegou muito. Relacionava-se dificilmente com as mulheres. Teve alguns namoros, logo desfeitos. Chegou mesmo a ficar noivo de uma vizinha, mas não decidiu casar-se. Era de estrutura frágil, psicologicamente imaturo. Uma natura sensível e relógios. Sua instrução era primária, entretanto gostava de ler e sobretudo lia livros espíritas. Nas vésperas de morrer, seu pai chamou-o e diz-lhe que sendo ele único homem da família, cabia-lhe agora assumir as responsabilidades de chefe da casa. Carlos perturbou-se muito diante de [inint][00:09:54] cargo. Deixou de estudar e foi trabalhar numa fábrica de sapatos, aí permanecendo até a erupção da psicose.

Orador C: [inint][00:10:08] aquele gênio que ele tinha e queria se casar. E ele sempre agarrado comigo. Então, quando ele foi... [inint][00:10:19] morreu e ele saiu, não trabalhou mais. Aí ficou fazendo umas opções de estudos, umas opções de coisas que ele não devia ter feito de casa. Nossa casa ficou feito um, feito um, feito um, sei lá, ficou deserta. De tanto ele quebrar troços. Quebrou os moveis todos, quebrou tudo. Foi nesse tempo que meu pai morreu. E aí quando meu pai morreu, ele ficou feito um maluco mesmo. Feito um maluco... Maluco, mas maluco mesmo! Ai quando aquilo passou, aquela crise fortíssima, porque ele se tratava com o médico, né? Então ele que fez... mamãe teve que internar ele. Todo mundo aconselhando ela: "Interna ele! Interna ele! Que ele vai melhorar!"

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador B: Certa manhã, raios de sol incidiram sobre o pequeno espelho sobre o seu quarto. Brilho extraordinário deslumbro-o e surgiu diante de seus olhos uma visão cósmica. Um planetário de Deus, segundo suas palavras. Gritou. Chamou a família. Queria que todos vissem também aquela maravilha que ele estava vendo. Apenas proclamou em altos brados sua visão do planetário de Deus, foi imediatamente internado no velho hospital da praia vermelha. E isso aconteceu em setembro de 1939. Carlos tinha então 29 anos de idade. Caiu nos tenazes da ordem psiquiátrica. Sua observação clínica nem sequer mencionou a visão de imagem vinda das profundezas da psique. Forte demais para o ego desamparado conseguir suportar. As experiências imediatas que tocam o arquétipo da divindade, representa o impacto tão violento que o ego corre perigo de desintegrar-se. Carlos, há vários anos, vinha sendo dilacerado por conflitos pessoais. Esses conflitos sugavam a energia do ego que se foi enfraquecendo até cindir-se em pedaços. Pensamento e linguagem dissociaram-se. A realidade externa perdeu o sentido pragmático que tem para o comum dos homens. A visão do planetário de Deus ficou para sempre gravada. Quando teve oportunidade de pintar, anos depois da incandescente visão, Carlos movido por forte necessidade interior tentou representá-la sobre o papel com os meios precários de que dispunha. Ele um sapateiro que nunca havia pintado. Nessa ocasião, ainda nada se sabia sobre sua visão inicial. Só algum tempo depois, por informações de sua irmã, teve-se notícia de que essa visão motivara o internamento de Carlos. O centro da imagem é uma flor cor de ouro, símbolo do Sol e da divindade. Embaixo, cruzam-se duas serpentes negras, símbolos da escuridão e do mal. A visão de Carlos é uma espantosa mandala macrocósmica. Uma imagem do universo. Vivências semelhantes a experiência de Carlos acontecem com frequência nos estados esquizofrênicos. No primeiro período em que Carlos frequentou o ateliê de pintura, fizeram-se notar em abundância na sua produção, imagens circulares ou próximas de círculo. Essas imagens exprimem-se, segundo Jung, a mobilização das forças instintivas de defesa. São mandalas. Que tem a função de se oporem a dissociação da psique. Assumem aspectos diversos com a características comuns de procurarem e delimitarem um centro. Ou produzir arranjos de alimentos múltiplos em torno de um centro. Seriam tentativas de criar ordem dentro do caos. Tentativas de auto cura no dizer de Jung. Chamam a atenção mandalas providas de pontas em seu contorno, espécie de alto proteção contra ameaças do mundo externo ou defesa para impedir que forças dissociativas e conteúdos perigosos do mundo interno se apoderem de todo espaço psíquico. Entre a variedade de imagens circulares ou afins do círculo, destacam-se alguma bastante harmoniosas configuradas dentro de moldes rigorosos, como surpreendente expressão de esforços instintivos, particularmente intensos, para compensar a grande desordem interna. A estrutura das mandalas de Carlos repete muitas vezes a alternância de raios escuros e claros, como se houvesse um esforço para aproximar opostos e integrá-los. Várias imagens desse tipo foram apresentadas na exposição que o centro psiquiátrico do Rio de Janeiro apresentou por ocasião do segundo Congresso internacional de psiquiatria reunido em Zurique em setembro de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

1957. Jung que abriu a exposição brasileiro interessou-se por essas imagens, fazendo sobre elas comentários e interpretações. Uma foto fixou Jung a mão sobre uma dessas mandalas. Esse é um gesto, que por assim dizer, resume a psicologia Jungiana, apontar para o centro. O céu simbolizado pela mandala. O céu é o princípio arquétipo da orientação e do sentido. Nisso reside sua função curativa. Além do círculo e suas variações, Carlos tenta, por intermédio de outras figuras geométricas, apaziguar tumultos emocionais e buscar refúgios em construções estáveis. A experiência no ateliê de pintura do museu de imagem do inconsciente demonstra que a abstração e geometrizo não significa o esfriamento da afetividade e grave desligamento do mundo real, como pensam muitos psiquiatras. Significa um antes recuo por medo diante da realidade externa, vivenciada, angustiadamente, assim como o medo também da realidade interna, talvez ainda a mais perigosa. O convívio humano é inquietante na sua instabilidade perturbadora. Os fenômenos vitais são incessantemente mutáveis. O indivíduo vem então procurar seguranças nas linhas firmes, nos contornos bem demarcados do geometrismo. O estudo que oscila provoca angustia. O geometrismo será possivelmente para Carlos um procedimento de defesa. Se emergem do inconsciente faces estranhas, essas poderão ser aprisionadas no contexto geométrico da pintura ou outras vezes acontecerá que seja superposta a tais imagens uma estrutura geométrica rigorosamente centrada, tendo por função impedir que venham avassalar o campo do inconsciente. As construções geométricas de Carlos são firmes, rígidas, simétricas, bem delimitadas. Dentro numerosos trabalhos de tipos geométricos de Carlos vemos construções de complexidade crescente. Os [inint][00:20:31] rigorosamente definidos desconhecem as mutáveis manifestações vitais. E quando o fundo geométrico dessa última pintura esboça tendência e juvenescer-se, um arco forte contorna no alto a construção como para segurá-la no espaço. Mas nem sempre será possível conter o espaço dentro de limites. A atração pelo infinito muitas vezes triunfará. É o que acontece nestas cidades de traços curvilíneos que se alongam num espaço limitado. Pelo seu despojamento, estas várias pinturas de Carlos, bem poderiam corresponder aquelas construções de que fala [inint][00:21:33]. Abandona-se a região do mundo real para ir construir do outro lado, uma região distante que possa ao menos existir intacta. Para apaziguar a ansiedade diante das grandes forças originadas nas profundezas do inconsciente surgem também outros recursos instintivos de defesa. Um desses recursos são os rituais. Os rituais, dizia Jung, constituem represas para conter os perigos do inconsciente, com esse objetivo, o homem arcaico, instintivamente, construiu as barreiras dos rituais e ainda hoje em situações psíquicas de ameaçadoras desordem, os mesmos procedimentos são postos em ação. Exemplos são os rituais com serpente de Carlos. O simbolismo da serpente é amplíssimo. Símbolo sexual de astúcia, prudência, sabedoria, representação do demônio, morte, transformação, renascimento. Poder-se-á dizer, de um modo geral, que a serpente é adequado símbolo do inconsciente na sua totalidade, exprimindo suas súbitas mudanças, suas intervenções inesperadas e perigosas, geradoras de angustia, este ritual tem provavelmente a significação de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

tentativas de apaziguamento das perigosas forças do inconsciente, simbolizadas pela serpente, de domesticação de pulsões instintivas. As imagens pintadas pelos psicóticos são algo vivo. Um dia, no segundo semestre de 1975, Carlos entrou na sala do grupo de estudos onde essa pintura achava-se em exposição e disse, agitadamente: "Ih, que cheiro de cobra! Tá um cheiro de cobra que tá danado." Dizendo isso, pegou essa pintura de serpente e virou-a para parede. Noutra pintura, continua a tentativa de domar as exigentes pulsões instintivas. O homem procura capturar as serpentes no interior de uma garrafa. Algumas dirigem-se ao bocal da garrafa por algum encantamento mágico, mas não todas. Uma das serpentes lança-se como uma flecha para mordê-lo. A mordida da serpente venenosa, diz Jung, pode ser comparada as exigências de pulsões instintivas inconscientes. Um cortejo caminha da direita para esquerda, no centro vê-se duas figuras sacerdotais. Três serpentes dirigem-se no sentido onde se encontra uma imponente mulher, busto nu, de pé, que lembra a grande mãe de Creta, sempre representada com o busto nu e denominada a deusa das serpentes. O ritual de Carlos leva-nos ao mundo matriarcal onde a serpente é ao mesmo tempo atributo feminino e atributo masculino, os quais estão ambos incluídos unidade que é a essência da grande mãe. Encruzilhada, cruzamento de caminhos, cruzamentos de componentes diversos da personalidade, exigindo opção. Lugar de aparição de demônios que o homem tenta propiciar. Exu é chamado o homem das encruzilhadas. Sobre o solo, cruz de braços recurvados em sentidos opostos acentuam a situação conflitiva. Figura demoníaca com calda de peixe, recebe uma oferenda. No alto, cruz crista. Sempre presente o problema dos opostos e os rituais tendem a aproximar, evitando sua violenta colisão. Junto a uma cascata, homem tem nas mãos um cibório negro. O cibório é o vaso de ouro ou dourado onde são colocadas as hóstias consagradas nas igrejas católicas. A esquerda, outro personagem sustenta a alta cruz. A cascata sugere rituais de macumba. Repete-se a aproximação entre elementos pagãos e cristãos, mantendo-se, porém, a predominância dos símbolos pagãos. Os rituais do fogo celebrados pelo homem seja magia imitativa destinada a assegurar a provisão de luz e calor do sol ou com finalidade purificatória ou visando destruir as forças do mal. O ponto de partida desta pintura foi a festa junina no hospital que se resumiu em decoração com bandeirolas. A pintura vai além. De cada lado da fogueira simetricamente colocados oito homens de joelhos, mãos cruzadas, roupas iguais e pulseiras. Parecem pertencerem a mesma confraria. Todos olham a fogueira que ocupa o centro da pintura e acima da qual vê-se grande balão. Ressurge aqui o ritual arcaico do fogo com suas típicas conexões entre fogo e sexualidade. O fogo representando o elemento masculino e o balão o elemento feminino. Nesta tela, pintada logo após a anterior, aproximação entre os opostos masculino e feminino exprimem-se pela dança de sete pares, todos vestidos uniformemente, e usando as mesmas pulseiras. Apenas um homem está sozinho com vestes de palhaço e olho uma bandeira sobre a qual se vê uma estrela. Sol e lua simultaneamente presentes. Nas viagens para as profundezas, frequentemente, é encontrada a metade escura e não aceita da personalidade consciente. A contraparte constituída sobretudo por inferioridades e

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

instintividades reprimida. É a sombra do ego que ganha força maior nas psicoses, pois as cisões internas facilitam a autonomia das componentes que a constituem. A sombra apresenta-se como duplo do indivíduo. Pessoas de seu mesmo sexo e muitas vezes sobre forma animalesca representantes de pulsões instintivas reprimidas. Entretanto, na produção clássica de Carlos, a sombra do ego ocupa um pequeno lugar. Logo, ele desce a camadas mais profundas do inconsciente, de onde emergem imagens arquetípicas da sombra coletiva sobre seus aspectos mais reconhecível na nossa cultura: o demônio, personificação do mal absoluto. Diz Jung, um dos arquétipos quase invariavelmente encontrados nas projeções de conteúdo do inconsciente coletivo, é o demônio mágico dotado de misteriosos poderes. As imagens arquetípicas da anima a contraparte feminina na psique do homem são muito abundantes na produção prática de Carlos, sobre várias modalidades. Mulheres, deusas, seres élficos. A mãe pessoal, sendo primeiro ser feminino com quem o futuro homem tem contato, recebe projeções do arquétipo anima e nato em toda criança do sexo masculino. E são as qualidades luminosas, fascinantes deste arquétipo e desde logo revertem a imagem da mãe da sedução extraordinária. Como um processo natural de crescimento regido pela própria dinâmica do arquétipo, a anima tende a romper a fusão inicial com a imagem da mãe. Só assim poderá ocorrer o encontro com outras figuras femininas no caminho para a masculinidade adulta. São grandes as dificuldades que o filho terá de vencer para desvincular-se da imagem arquetípica da mãe. Sempre presente por trás da mãe pessoal. Duas pinturas de Carlos retratam fielmente o relacionamento estreito mãe anima da qual ele não conseguiu libertar-se. A primeira pintura mostra jovem quase colocada a estátua de uma mulher idosa e na segunda vê-se o jovem ajoelhado dentro de espécie de capsula transparente, em postura de referência diante da estátua de uma majestosa [inint][00:33:11]. Através de uma janela, um homem observa, mas não participa da cena interior. Seria adequada a legenda para esta imagem o texto de Jung. A anima está oculta sobre o poder dominante da mãe. Dentro da complexidade do mundo interno será possível vislumbrar ainda noutros níveis da psique masculina múltiplas configurações do princípio feminino. A pintura espontânea oferece essa oportunidade. Surge de níveis muito profundos seres élficos do tipo das Iaras e das serias. Formas da anima na qualidade primária de arquétipo da vida. Diz Jung, o verde que é a cor da verde, desconvém perfeitamente. Carlos pinta figuras femininas de corpo mal definido, sem braços e com a face verde. A série de imagem de face verde tende a transformar-se permitindo que se torne apreensível a constante dinâmica da vida psíquica. Aparece mais um estranho ser feminino de face verde, portanto sobre a cabeça adorno de cor vermelha em forma de coração. Pintura do mesmo período representa uma índia de face verde empunhando um arco. Na parte inferior da pintura a esquerda, destaca-se grande coração vermelho vivo de onde parte um feixe de vasos sanguíneos que vem expandir-se sobre a vegetação. Nestas duas últimas pinturas de Carlos, verifica-se um processo transformativo de humanização e parecerá pouco provável do ponto de vista da psiquiatria tradicional na evolução da esquizofrenia. As imagens que personificam o

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

aspecto limitar da alma, vinculada a natureza, vem juntar-se um fator novo: o coração, órgão típico da vida animal e símbolo de afeto. As personificações animais e primitivas da alma confinam com suas personificações divinas, pois o arquétipo da alma, segundo Jung, funciona como uma matriz de todas as figuras de deusas e semideusas. Busto de mulher, face verde traz sobre a cabeça grande peixe de calda colorida. Busto de mulher, face branca, uma serpente azul contorna-lhe a cabeça. Busto de mulher, face branca, sobre a cabeça traz uma ave. Os animais que a grande mãe tem sobre a cabeça pertence respectivamente a água, terra e ar, significando seu domínio sobre os três reinos da natureza. Os tempos arcaicos eram muito mais frequentes a representação das deusas sobre forma de animais, inclusive, como peixe, serpente e ave. Posteriormente, assumem a figura humana, mas animais ainda permanecem a ela por muitos séculos, na qualidade de representantes simbólicos de atributos inerentes à constituição profunda do princípio feminino. O arquétipo anima, quando ainda [inint][00:37:51] ao arquétipo mãe, projetados sobre a mãe pessoal ou outras figuras femininas próximas, desconferem um caráter mitológico em veste de autoridades e sacralidade. Uma série numerosa de desenhos e pinturas documentam o processo de mitologização de uma ancestral. Na modesta família de Carlos eram feitos frequentes comentários sobre uma tia francesa que residia em Paris. Mulher bonita, caprichosa, rica. E seu retrato que a mostrava vestida a moda do início do século despertou em Carlos particular interesse. Copiou em desenhos a lápis numerosíssimas vezes, com pequenas variantes, para depois transformar sua ancestral numa deusa da natureza, mas conservando sempre elementos de seu vestido que permitem identifica-la. Coloca em altar a face escuro, segundo convém a mãe terra, cercada de vegetais. Ou pinta isolada como uma deusa arcaica das flores e dos frutos. Um pouco mais tarde, surge a grande deusa, toda branca, vestes longas que repousa os pés sobre o globo terrestre e toca com a cabeça o segmento da esfera da lua. Ela segura nas mãos crescente lunar. Ao nível do centro do crescente solta no espaço destaca-se uma mancha negra onde está escrito: Deus, minha mãe. Dir-se-ia uma imagem da divindade arcaica suprema, a primeira divindade adorada pelo homem, deusa na natureza e rainha dos céus. Fonte de todas as formas de vida, mãe dos deuses e dos homens. Em seguida representa entre dois mundos figura toda branca de sexo ambíguo e sustenta o crescente da lua ao qual faz imediata continuação semicírculo de cor dourada. Os dois semicírculos completam-se num círculo. E no centro desse círculo, destaca-se mancha negra onde está escrito: Deus, meu pai. Observe-se que não há representação de Deus Pai. O princípio masculino não se personificou. A última imagem é denominada muito adequadamente pelo neologismo pai, fusão das palavras pai e mãe, expressão de mescla dos princípios masculino e feminino. Desta forma, não se poderia realizar a conjunção, união que exige, segundo ensino ou trabalho ou químico, a personificação dos opostos interiores sobre as formas de uma mulher completa e um homem completo. O processo psíquico em desdobramento não teve possibilidades para alcançar a etapa superior da aproximação de opostos. Cada um guardando sua individualidade. Ou unindo-se numa representação andrógena de Deus.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

O poderio do inconsciente, isto é, do feminino foi mais forte. Revivificaram as deusas mães de poder supremo. O princípio masculino quando tentou impor-se, não o conseguiu. O processo psíquico retrocedeu. E de novo mergulhou na profundidade do inconsciente. Testemunho desse fenômeno regressivo é uma série de pinturas feitas em dias subsequentes onde aparecem imponentes animais situados entre dois mundos, na mesma posição em que antes figuravam Deus, minha mãe e Deus, meu pai. E quando divindades são representadas sobre forma animal, de acordo com Jung, isso significa que o animal, ele encarna distantes conteúdos do inconsciente coletivo. O último animal dessa série é um grande Saurio, ser incontactável, simbolizando os extratos mais profundos da psique. Mas a descida em insondáveis profundezas não quer [inint][00:43:40] dizer que tudo esteja perdido. O processo auto curativo ascendente em direção a consciência, emergirá outra vez. Uma característica fundamental da condição psicológica de Carlos é que ele passa de um nível psíquico para outro com extrema facilidade e nesses níveis move-se quase simultaneamente. Quando há envolvimento afetivo, torna-se mesmo capaz de comportamentos bastante pragmáticos. Carlos ama o museu, o ateliê de pintura, a oficina de encadernação. Aí passa o dia inteiro. Aí sente sim sua casa, só no fim da tarde voltando ao hospital onde está internado. No museu, conserta tacos soltos. Verifica no fim do expediente se as janelas estão fechadas. E no caso de um funcionário deixar por esquecimento alguma janela aberta, vai reclamar na portaria. Esses fatos surpreendiam e eram comentados no hospital dada a habitual expressão verbal de Carlos ser praticamente ininteligível. O grande número de neologismos tornava ainda mais difícil a compreensão de sua linguagem. O caminho para entendimento com Carlos fez-se por intermédio do animal, sem nenhum exagero, pode-se dizer que os terapeutas de Carlos foram os cães: Sudão e Sertanejo. A posição de coterapeutas coube ao médico e aos monitores. No dia 27 de agosto de 1965, Carlos me disse: "quero dinheiro para as despesas de sertanejo." "Que despesas?" "Água oxigenada, mercúrio cromo e gases". Sertanejo havia ferido uma das patas. Carlos fez as compras na farmácia próxima, trouxe o troco certo e com pericia fez o curativo na pata de Sertanejo. Desde que existia polarização intensa de afeto, dirigida pelo desejo de socorrer o amigo, tornava-se possível retornar a linguagem normal ordinária nem que fosse por momentos. Sobre a ação do afeto, os laços frouxos do pensamento apertaram-se, permitindo comunicação com exata pessoa que poderia ajudar. No universo de Carlos, segundo se vê nesse desenho, existe uma linha continua que liga o animal ao homem e o homem a estrela. Numa concepção unitária do universo. De certo mundo externo e mundo interno não se acham separados por fronteiras intransponíveis. Esses dois mundos interpenetram-se em graus diferentes. Na intenção de atrair nossos doentes do sonho para realidade externa, uma vez por semana a monitora do ateliê de pintura os conduzia a um pequeno morro situado no terreno que certa o hospital. Ali a natureza é muito bela e arvores acolhedoras são sombras e frescura. Nesse lugar, vários esquizofrênicos espontaneamente pintaram telas inspiradas na paisagem que o cercava, algumas bem próximo da realidade externa. Acrescida de contribuições subjetivas

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

maiores ou menores. Outros começavam reproduzindo um elemento da natureza, árvore, casa, mas logo desgarravam para um mundo interno, atraídos pelo ímã de suas imagens. A pintura de Carlos ao ar livre, porém, tanto quanto no ateliê, refletia sempre as imagens internas. Certo dia coloquei-me ao seu lado e pedi-lhe para pintar a árvore que estava bem próxima. Ele concordou e silenciosamente reproduziu-a de maneira bastante fiel. Mas logo passou a pintar navios. "Carlos, onde você está vendo navios aqui nesse morro?". Respondeu como se estivesse diante do óbvio. "ora, ora, navio navegando entre as estrelas". O caráter indiscutível das imagens arquetípicas, diz Jung, parece ser seu aspecto cósmico, isto é, um laço interno que associa as figuras do sonho e da imaginação a acontecimentos cósmicos, a analogias telúricas, lunares ou solares. A presença dos astros é muito frequente nos delírios psicóticos e em sua produção plástica. Isso porque, segundo Jung, mergulhados no inconsciente, voltam aquilo que era antes, a unidade com a mãe, ou seja, com a totalidade universal. Predomina em Carlos um constante sentimento de interligação cósmica. Viagem navios entre as estrelas. Ele é um andarilho do espaço cósmico. Constrói navios para viagens cósmicas. Dentro de uma capsula alongada, provida de cinco hélices, um homem observa o exterior por meio de um aparelho de ótica. Um foguete espacial parece que vai ser acionado pela energia emanante dos olhos do sol ou da lua, somente esta última nave foi pintada depois do lançamento do primeiro satélite artificial em outubro de 1957. Navegando através da totalidade universal, entre astros, sobre a terra, no fundo do mar, Carlos vai configurando as mais variadas imagens, originadas dos arquétipos constelados pelo dinamismo do processo psicótico. Nos profundos e intrincados labirintos da psique vivem ainda os deuses pagãos. Pesquisas arqueológicas e pesquisas psicológicas são trabalhos paralelos feitos em áreas diferentes. Assim pensam Freud e Jung. Carlos desceu as esferas das imagens arquetípicas ao reino dos deuses e demônios e foi dessas profundezas primordiais que trouxe para suas telas imagens de Dionísio. Ele o identificou ao deus em atitude solene, fazendo um manto azul e chapéu vermelho. Quatro mulheres com cabeça de vaca o adoram de joelhos. O que aprazia Dionísio tomar a forma de touro selvagem, suas adoradoras costumavam portar cornos imitando o deus. Grupo de mulheres que lembram menades e no alto um sátiro de cor verde. Elas e o sátiro representam aqui as formas elementares da natureza. Dois velhos comunicam-se entre si e riem. Aquele que está no meio da tela, usa vestes verdes e traz sobre a cabeça uma folha de vinha. Atrás dele, está uma figura de face humana com cornos negros e pescoço peludo. O Dionísio velho e a inseparável sombra do deus: o bode. Dois velhos muito semelhantes como se um fosse o desdobramento do outro. Cabelos e barba brancos. Vestes verdes. As faces próximas. Sorriem. As costas de figura que ocupa o centro pendem um cacho de uvas. Quatro dias depois, outra pintura é feita, onde reaparece os mesmos dois velhos sorridentes. Agora, um cacho de uvas ocupa o centro, lugar que lhe cabe na religião de Dionísio. O cacho de uva traz ainda folhas de vinha. E o reflexo dessas folhas põe manchas verdes nas faces dos anciãos. Nas três últimas pinturas, Dionísio [inint][00:56:37] de dentro é representado na sua

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

forma arcaica de velho barbudo. Muito diversa das figurações mais recentes e difundidas de belo jovem. A expressão fisionômica desses velhos parece refletir a alegria e segurança do sadio que via as coisas para além das oposições entre a vida e a morte. Se Dionísio surgiu das escavações ao lado da catedral de colônia em mosaicos antigos e intactos, como um achado arqueológico aparece vivo no hospital de engenho de dentro, emergindo do mundo subterrâneo psíquico, mostrando assim que é de fato um poder eterno. A história é gravada em pedras do alto das torres da catedral de colônia, ao mosaico de Dionísio, equivale ao corte em profundidade na vida psíquica do homem. Dois mil anos de cristianismo representam apenas a superfície. Além das imagens de Dionísio, emergiram mais tarde, na pintura de Carlos, imagens arquetípicas bem definidas do deus endopersona, Mitra. A basílica dedicada a São Clemente, em Roma, está na superfície, mas seus alicerces firmam-se sobre o tempo de Mitra, divindade solar pagã. No último período da vida de Carlos, suas pinturas giraram cada vez mais em torno do tema mítico do sol. Estas pinturas foram todas configuradas com lápis cera, embora lhe dispusessem de outros materiais e trabalhadas sempre de pé, intensamente, como se houvesse um veemente diálogo entre o pintor e as imagens pintadas. Ressaltam entre estas imagens, figuras masculinas de grandes proporções, providas de coroa e outros atributos divinos, bastante próximos de descrições de Mitra. Esta temática já havia aparecido muitos anos antes, em pinturas nas quais se via o sol provido de um longo tubo, tal como é descrito em visões de adeptos de Mitra. E também será visto o chamado tubo, origem do vento predominante. Ver-se-á no disco do sol, algo suspenso, parecido a um tubo. E na direção das regiões do ocidente é como se soprasse um vento de leste infinito, mas se outro vento prevalece na direção das regiões do oriente, ver-se-á da mesma maneira o tubo voltar-se para aquela direção. Nesta imagem, do nariz do sol sai um tubo que atravessa toda a pintura até atingir a terra, passando por trás de uma figura com cabeça de adulto e corpo de criança sentado no pequeno carro. De pé, figura humana de sexo mal definido, coloca na boca da criança uma mamadeira de forma fálica. A mamadeira fálica sugere felício, ato erótico que revela nitidamente vinculado com o prazer de sugar o seio materno. O único comentário que o autor fez sobre essas três pinturas foi o seguinte: o sopro de meu nariz muda qualquer circunstância. Essas representações plásticas condensam três imagens arquetípicas de enorme força nas religiões arcaicas. Sol, falos, vento. Vento é a forma original da palavra espírito. No grego e no hebreu, a mesma palavra designa o vento e o espírito. O vento chega a terra através do tudo, dos falos, órgão criador do Deus sol, o deus arcaico propiciador da vida. Religião persa não dava forma material as suas divindades, nem [inint][01:02:18], o bem, nem Arimã, o mal, nem a Mitra, o deus da luz pura. Mas se os adeptos que o adoravam em confrarias secretas de exaltados misticismos, visualizavam o deus da luz e davam descrição de imagens que o deslumbravam. Em texto da mitologia mitraica, encontra-se a seguinte descrição de Mitra: ver-se-á um Deus de imenso poder, face brilhante, jovem, cabelos dourados, vestindo túnica branca e portando uma coroa de ouro, usando amplas calças. Ver-se-ão raios de luz saltarem dos seus olhos e estrelas de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

seu corpo. Ha evidentes analogias entre a visão desses místicos e a visão de Carlos. De certo existem diferenças, mas os cabelos dourados, os raios saindo dos olhos e a profusão de estrelas em todos de todo o corpo, acham-se presentes. As experiências místicas dos adeptos de mitra os levavam a identificar-se com as estrelas, manifestações daquele deus ou seus atributos. Texto da liturgia amitraica. Eu sou uma estrela vagando contigo e brilhando nas profundezas. E flutuando em direção ao iniciado, vindas do disco do sol, descem estrelas de cinco pontas em grande número, enchendo todo o espaço. Segundo narra o mito, foi mitra quem instituiu o sol o governador do mundo, entregando-lhe o globo, símbolo de poder que ele próprio trazia na mão direita desde o instante de seu nascimento. Pintura de Carlos que mostra majestosa figura com coroa de raios sustentando grande globo. Esta imagem tem analogia impressionante com representação do deus sol. Mitra e o sol parece sempre unidos na religião mitraica, possuindo atributos semelhantes, suas imagens são intermutáveis. Nesta última fase de Carlos, o principio masculino personifica-se pela primeira vez e essa personificação assume muito significativamente traços de mitra, deus solar e herói cujo mito narra a dolorosa procura da consciência que o homem de todos os tempos vem representando sobre mil faces. Ainda uma vez tão tenaz o esforço instintivo, corre o risco de derrota devido ao movimento oposto de outras forças igualmente instintivas que tendem a arrastar todo processo ao mundo da mãe. Um indício de que novamente está ocorrendo regressão da energia psíquica para status mais profundos do inconsciente é o fenômeno de virem acrescentar a figuras divinas, marcadas características animais. O ataque por animais, por ameaçadores monstros é uma constante no curso das viagens em demanda da consciência, segundo as narrações míticas de todos os povos. O viajante será devorado ou vencera os terríveis animais antes de alcançar seu alvo, na condição psicótica, esta trajetória é particularmente difícil. As forças que buscam consciência são fracas e os poderosos emissários dos abismos onde habita a grande mãe, senhora dos animais, ora são ameaçadores, ora fascinam por um poder mágico. Nas imagens de Carlos, símbolos mitraicos e símbolos cristão coexistem para, progressivamente, acentuarem marcas cristas bem caracterizadas. Assim, os achados da arqueologia psíquica superpõem-se aos achados da arqueologia propriamente dita. É apaixonante acompanhar através das imagens pintadas por Carlos. O trabalho de forças emergentes do fundo escuro da psique, tentando atingir zonas mais próximas do consciente. A cruz é interpretada como símbolo cristão apesar de ter passado antiquíssimo e figurar mesmo em alguns rituais mitraicos. Vinculamos a estrela, particularmente, a mitra, embora o cristo tenha também conexões muito próximas com a estrela. A presença do cristianismo afirma-se nesta série de pintura, não só pela cruz, mas pelo aparecimento em algumas delas da inscrição "INRI": Jesus Nazareno, rei dos judeus. Colocada, por ordem de Pilatos, no alto da cruz na qual morreu cristo. A inscrição "INRI" é um conhecimento individual, é um elemento proveniente do consciente que vem se encontrar com conteúdos originados nos extratos mais profundos do inconsciente. Apesar dos complexíssimos movimentos de circum evolução do processo psicótico e de

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406- Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

enorme quantidade de conteúdos envolvidos, a significação predominante parece ser uma persistente busca de consciência. O itinerário solar de Carlos começa com a visão do planetário de Deus, representado na imagem que tem no centro a flor de ouro, o símbolo do sol e da [inint][01:10:27]. A partir dessa intensa experiência inicial, a energia psíquica, introvertendo-se mais e mais, veio reativar toda uma trama de mitologemas solares e deram origem ao aparecimento de multiformes e imagens. Mais tarde, configura-se de maneira mais consistente a figura do deus solar, Mitra. E por fim surge a barca do sol, presente em numerosos mitos. A face do sol é serena e triste. Ele vai navegar na noite e talvez lutar ainda contra os monstros e incessantemente esforçam-se por impedir seu renascimento. Esta pintura é do dia 02 de dezembro de 1976. Pintura do dia 28 de janeiro de 1977. Um barco do qual se ergue em duas cruces. Entre as cruces um grande pássaro, símbolo do espírito, levanta voo. E três dias depois o barco vazio está ancorado. Carlos não volta mais ao ateliê de pintura. Morre no dia 21 de março de 1977.

Fim da Transcrição 01:13:31